

GÊNERO E RAÇA: A ESCOLA DIANTE DO DIFERENTE BUSCA O IGUAL?

Lisiane Goettems

Resumo: A Escola é defendida como espaço e tempo institucional de acesso para todos. Porém, quando recebe os sujeitos diferentes parece manter as marcas, implícitas ou explícitas, de um discurso que busca os “sempre iguais”. Esse artigo, desdobramento de uma tese de doutoramento, busca compreender um conjunto de três narrativas que tem as posições relacionadas às diferenças acionadas no contexto escolar. A pesquisa de cunho qualitativo recorre às narrativas, recurso que permite interpretar o dito e o não dito de histórias de vida, promovendo refletir sobre os fenômenos escolares como cambiantes e possíveis de interlocução. Envolve Instituição Federal de Ensino Público/RS, em três turmas de primeiro ano do Ensino Médio Integrado (duas turmas do diurno e uma do noturno), em aulas de Educação Física e Língua Portuguesa, no ano de dois mil e dezesseis. Os resultados alcançados com a análise das três narrativas indicam ser fundamental a compreensão das práticas articulatórias de mobilização dos agentes sociais em movimento de massa e, também, a necessidade de ampliar a reflexão sobre a escolha profissional docente, num olhar a formação inicial e continuada de professores, potencializando a projeção de outra retórica para a convivência e aprendizagem na escola que comunica com a sociedade.

Palavras-chave: Diferença; Educação; Exclusão; Sujeito.

Do garimpo a Escola: a procura pelo “ouro” escondido...

Em garimpos, pepitas de ouro em estado bruto muitas vezes passam despercebidas. Com formas irregulares e cobertas de sujeira, por apresentarem inicialmente brilho mínimo ou inexistente, tornam difícil sua captura. Apenas garimpeiros atentos a percebem. Pepitas de ouro quando colocadas em altíssima temperatura proporcionam a aparição do ouro puro, modelável e com alto valor de mercado.

Professores também são lapidadores de propostas, criam projetos, provocam reflexões, organizam debates que, em interação com alunos transforma informação em conhecimento. Os professores “lapidam as pepitas e trazem o ouro”, traduzido em conhecimento e convivência humana, quando permitem as vozes nas salas de aula, quando propõe espaço de pesquisa e interação, enfim quando organizam ambiente de estudo, permeado também pelo afeto. Escola como um “rico garimpo” é aquela que proporciona que humanos aprendam com outros humanos em interação, em diálogo, em hipóteses, no encontro com teorias e provisoriades que tendem a acionar outras buscas.

O calor é importante para aparecer o ouro que a pepita esconde, assim como a percepção é imprescindível para auscultar “as vozes” que compõe a Escola. Vozes, aqui referendadas como manifestações verbais e não verbais, de corpos em movimento, também em estáticas posições, com expressões faciais peculiares e até mesmo fugazes. No garimpo e na escola os encontros e desencontros são possibilidades, garimpeiros e educadores, no ir e vir do tempo, reinventam modos de chegar às pepitas/ouro e, também, de acreditar nas diferentes capacidades do ser humano.

As metáforas até então traçadas são convite para conhecer sujeitos imersos em um segmento complexo denominado escola. Um lugar social defendido por lei como obrigatório às crianças e jovens, carregado de normas, de objetivos, que sem a presença do ser humano resume-se em estrutura física, tal qual garimpo sem garimpeiro.

O percurso metodológico recorreu a pesquisa qualitativa, na perspectiva de capturar um tempo e espaço específico- o escolar, em busca de representações de realidade dos alunos e alunas, considerando o contexto histórico- social do grupo e os fenômenos deles provenientes. A investigação considerou o aqui e o agora das cenas observáveis e vividas no contexto de uma Instituição Federal de Ensino Público/RS¹.

O recurso da narrativa, que não informa experiência, mas conta sobre ela para poder pensar e compreender, foi outra ferramenta a que se recorreu. Benjamin (1975), Dutra (2002), Galvão (2005), são autores que auxiliam na compreensão e presença da técnica da narrativa vinculada a pesquisa de cunho qualitativo. Estes autores a defendem como interpretação de mundo, não para proceder a julgamentos no âmbito do certo ou errado, mas sim para oportunizar o emergir de histórias singulares, ocorridas em articulação com um passado, presente e futuro. Recorre-se através das narrativas ao dito, capturado em falas por meio de relatos, perguntas e fatos que consideram o contexto de vidas entrelaçadas com diferentes concepções/tensões de mundo. Também, as narrativas, acolhem o não dito presente no tom da voz, nas pausas, em mudanças de entonação, no silêncio e nas expressões que compõe singularmente as cenas em pauta.

Trago aqui três narrativas ocorridas no ano de dois mil e dezesseis, nas aulas de Educação Física² e Língua Portuguesa³, com duas turmas do diurno e uma do noturno, do primeiro ano do Ensino Médio Integrado. Uma cena por turma, em busca de compreender os

¹A realidade escolar em questão, pertence à rede pública federal, localizada em município de cerca de quarenta mil habitantes, situado no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e conta com aproximadamente mil alunos matriculados na Educação Básica Técnica e Tecnológica e em Educação Superior.

²Em turmas que assumo a docência regularmente.

³ Docente responsável pelo componente socializa a narrativa em sala de professores, dois dias após ministrar sua aula.

marcadores que colocam em suspense e/ou a margem aquilo que é concebido como diferente, em dois grupos de faixa etária entre treze e dezesseis anos e outro de dezoito a sessenta e cinco anos de idade.

O cotidiano escolar em narrativas

A proposição a seguir toma como foco o cotidiano escolar e as diferentes cenas que compõe o espaço. Partindo de narrativas, pretende-se compreender o quanto o garimpo e a escola se aproximam no sentido da observação, do olhar atento, do fazer novamente, mas com critérios únicos, para que não escape o encontro com a pepita inusitada ou escape a valorização da trajetória de vida de cada aluna e aluno, em sua singularidade.

Começo pela aula de Educação Física, no noturno, em Programa específico para atender jovens e adultos, na Escola. Ouve-se o chamado de Lisandra⁴, indagando:

-Em qual fila devo me colocar, professora?
-Você pode escolher!
-Mas, não quero “tomar bolada”? **ELES** são fortes?

Localizo inicialmente que aluna Lisandra que teme receber a bola lançada com força chegou à Escola uma semana depois do início das aulas. Matriculou-se num programa de educação para jovens e adultos, solicitando que fosse chamada por seu nome social⁵, frisando com veemência para a secretária, que conhecia a legislação vigente.

Quando Lisandra menciona “*em que fila eu devo ficar, professora?*” as reações dos alunos logo surgiram traduzidas em olhares que se cruzaram rápido, em sorrisos e em simulações de tosses, enquanto as alunas apenas se mantiveram atentas. A professora ouviu Lisandra, permitiu sua dúvida e, para o coletivo retomou que a aula era com homens e mulheres ao mesmo tempo, justamente para permitir que as experiências corporais de cada um/uma ali presente pudessem ser compartilhadas, percebidas, experimentadas e, posteriormente analisadas em roda de conversa. Disse ainda que se preciso fosse, as

⁴Todas as identificações referentes às cenas escolares recebem nomes fictícios.

⁵O nome social pode ser definido como um nome civil que não aderiu à personalidade da pessoa, portanto é o prenome que é utilizado publicamente distinto do nome civil de quem o utiliza. É permitido aos transexuais e travestis quando, por exemplo, um aluno não quer ser chamado por seu nome civil. Desse modo difere-se nome social de apelido, pois se assim fosse, todos poderiam ser chamados por seu apelido, sendo a distinção máxima a falta de aderência do nome civil. As pessoas transexuais podem impetrar ação judicial para mudar seu nome, processo ainda longo e difícil.

atividades seriam interrompidas, tantas vezes quanto necessário, em busca de soluções e da organização dos conhecimentos.

A turma correspondeu ao desafio proposto, seguiu, viveu interações diversas, sem escolher a quem ter como dupla ou grupo. Percebeu-se que a firmeza da resposta colocada pela professora foi importante, deu lugar a cada sujeito em sua singularidade, não sendo relevante o grau de domínios motores, de técnicas e nem as questões de gênero para participar da tarefa de arremesso de bola, em duplas cambiantes.

Na reflexão de encerramento um gancho com a pergunta inicial, no retorno da palavra da aluna Lisandra. *“Sabe professora, nunca participei das aulas Educação Física nos outros tempos escolares, sempre me foi dito que eu não sabia jogar e tinha que ficar com as meninas. Na época, eu era adolescente e não tinha certeza se meu lugar seria no grupo que me delegavam.”* Na inserção na modalidade Proeja⁶, já maior de dezoito anos, longe de bancos escolares há tempo, Lisandra diz, ainda: *“Eu também quero ter família, estudar, ter espaço de trabalho digno”*.

Em círculo, os integrantes do grupo viveram a oportunidade de observação e interação feita olho no olho, ou seja, com trocas que convidavam assumir o momento de reflexão. As reações iniciais dos alunos não reapareceram naquela aula. Porém e infelizmente, o diferente para os sempre iguais incomoda e desacomoda e, Lisandra que já conquistava um lugar na turma, com a maioria dos professores e colegas, se deparou com a denúncia de suas diferenças, quando apesar da orientação a todos, seu nome social não foi respeitado.

Lisandra só isso que ela queria ouvir. Lenon, nome ainda constante no documento de identidade ficava insuportável escutar e gerenciar. Descaracterizada de sua percepção pessoal sobre si Lisandra não conseguiu permanecer na escola, voltou às ruas, as muitas cidades. A cultura da diferença foi mais forte que Lisandra.

Lisandra trancou matrícula, seu nome foi retirado do caderno de chamada dos professores, ato que para o sistema de informática é rápido, fica ao alcance de um dedo da mão, quando autorizado aciona a tecla apagar. Para Lisandra o fato não foi resolvido olhando a tela do computador, a notificação carimbada de sangue quente circulando nas veias, seguido da inscrição inesquecível: “você está fora do sistema educacional”.

O espaço escolar, de direito de todos os sujeitos, não impediu Lisandra de ficar a margem. Inscrita no discurso da diferença ela foi afastando-se, sem deixar de antecipar uma, dentre tantas inquietudes: conseguirá a estudante Manuela, ter outro destino do que o seu? A

⁶ Programa de Educação para Jovens e Adultos.

aula de língua Portuguesa, no primeiro ano do Ensino Médio Integrado, do turno diurno, reforçou que o manifesto de Lisandra tinha motivos para existir.

Assim, a segunda narrativa, pede licença para a reflexão. A cena teve seu espaço em meio a explicação de uma tarefa escolar, quando Manuela interrompe a fala sobre construção de redação que a professora estava a desenvolver. Ela dirige-se de sua classe indagando a professora:

-O que será que os pais fariam se uma filha afirmasse ser lésbica?

A turma se aguçou ao debate mais rápido que o suspiro da professora que permaneceu um tempo como ouvinte. A professora, ao retomar a palavra, enfatiza:

Não tenho como prever! A resposta a sua inquietação implica compreender como ocorrem às relações familiares, valores de vida desta casa. Imagina cada grupo familiar é muito único! Além do que Manuela, o enfoque da nossa aula é outro.

A aula retomou seu curso, aquele que a professora colocou em seu planejamento, (engessado?). Ficam as indagações: o que é da Escola é da Escola, o que é do mundo é do mundo? Não dialogam estes universos de existência humana? No conjunto das intenções envolvendo as políticas brasileiras, houve ampliação do número de secretarias especiais, fóruns e conselhos constituídos por representações governamentais e de movimentos sociais que se mobilizaram (ainda se mobilizam) para debater acerca de políticas afirmativas, projetando parcerias entre diferentes secretarias, MEC e outros setores organizados. Manuela, no momento de sua pergunta ficou frente a frente com a tradição, sem união mínima com o contexto de mundo, dado que a professora optou fincar estaca na pressa, no conteúdo, diminuindo o espaço dialético de composição do ambiente.

As escolas enquanto estruturação física composta por paredes, muros, portões, salas de aula e corredores, reforça razão de existir quando preenche de vida e de mundo, cada um destes ambientes. A partir da presença de estudantes, educadores e administradores que

assumem (ou não) o “fazer escola” que encara a presença das políticas educacionais como letras fora da gaveta é que se elaboramos espaços tensionais, que podem demandar disciplinamento e sujeição, ou permitir reflexão evocando espaço para a cultura de transformação. Será que a “bússola guia” de algumas Escolas, de alguns professores e professoras está com o ponteiro quebrado?

Moreira e Candau (2003, p.161), afirmam que “a escola sempre teve dificuldades em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização.” E, quando se depara com o sujeito diferente, com o chamamento para o cruzamento de culturas, não sabe enfrentar ou omite o enfrentamento. O interesse normatizado, defendido através de regras e comparativos prepondera em muitos espaços educacionais, em demarcadores justificados por diversas posições, pouco convincentes, mas presentes. Recordemos algumas expressões que surgem: *“Tenho que vencer o conteúdo.” “Vamos seguir o planejado.” “Atenham-se a tarefa já explicada”*.

A alternância de percepções quando focam a e na diferença, causam sofrimentos. Para Bento, (2011, p.551),

(...) Há corpos que escapam ao processo de produção dos gênero inteligíveis e, ao fazê-lo, se põem em risco porque desobedeceram às normas de gênero, ao mesmo tempo revelam as possibilidades de transformação dessas mesmas normas. Esse processo de fuga do cárcere dos, corpos-sexuados é marcado por dores, conflitos e medos.

Quanta dúvida Manuela carregava em sua pergunta? Nas entrelinhas o corpo em conflito, as normas indicando posições: se produza usando roupas de menina, esta é a cor que você não pode deixar de ter roupas ou adereços, não deixe seu cabelo tão curto, cuide de seu destino biológico. O medo se anunciou na frase de Manuela quando citou a possível descoberta dos pais sobre a filha ser lésbica, nas entrelinhas ficou seu pedido pessoal, seu desalento.

Colocar seu medo em forma de fala, num grupo de idade entre treze e quinze anos, representou anúncio de que é preciso pensar sobre as formas de pertencimento de gênero distinto ao imposto. Seu pertencimento ou o dos colegas de turma pode ser assunto latente, mas adormecido. O espaço e aceite para tal diálogo vão sendo postergado, como fez a professora com Manuela e o corpo que escapou as normas ganhou, neste caso, a roupagem de inadequado, não merecendo ser refletido no contexto da sala de aula. A redação é que tem espaço garantido?

A professora ao relatar, nem se quer deu pista de quais foram às vozes dos colegas de Manuela. Mesmo quando interpelada para saber das contribuições e/ou intervenções dos demais, a professora ainda aturdida com o vivido citou com convicção sua posição: vamos “*cortar o assunto*”. Repetiu a sua verdade, proferiu o discurso da eliminação, da hierarquização do que é primordial para o momento de aprendizagens formais, esquecendo que *SER* e *APRENDER* “dá as mãos” (ou deveriam!). Ao que Bento (2011, p. 552) reforça;

Nascemos e somos apresentados a uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossas sexualidades e gêneros. Há um controle minucioso na produção da heterossexualidade. E, como as práticas sexuais se dão na esfera do privado, será através do gênero que se tentará controlar e produzir a heterossexualidade.

Continuará a sociedade a legitimar somente um modo de construir sentido identitário, tomando um único olhar como defesa ou como determinante? E, em especial os ambientes escolares, seguirão projetando que o natural e normal é a heterossexualidade? Conforme Bento, (2011, 552) “(...) Os direitos humanos se transformam, nesse processo, num arco-íris: lindo de se ver, impossível de se alcançar.” Chama atenção que a perversidade e a exclusão colocam a vida em “um estado de espera”, de alcance difícil, como se a coragem estivesse de férias e a interpretação de valores estivesse desaparecida. Interpretar compreendido como dar outro sentido ao consolidado, em busca da reordenação que projete novos arranjos (transitórios), menos excludentes, em que a abnegação não seja o requisito da permanência e da visibilidade dos sujeitos.

Manuela permanece na Escola e a partir dela, convido-o para percorrermos a última cena escolar, ocorrida com sua amiga Sofia. Lancemos mão de recordar Jean-Jacques Rousseau, em sua obra filosófica *Emilio ou da Educação* (1992) e em seu quinto livro, quando cria Sofia e a ela destina o lugar de “rainha do lar”. Na terceira e última narrativa é a vez de conhecer Sofia, estudante do século XXI e com o seu percurso procuro compreender como e quando a negritude adentra nos educandários. A narrativa se deu em duas etapas: a primeira no deslocamento ao local da aula de Educação Física e, a próxima etapa já em aula, em ambiente junto a natureza.

Etapa 1 (Marta e a Sofia):

Marta: *Está te sentindo sozinha, Sofia? Você nunca vai conseguir te aproximar deles, você é feia. (Ah, bem capaz, brincadeira). Eles estão em outra!”*

Etapa 2 (Marta e a professora):

-Não lembro quem é Sofia professora!

-Como não lembras? Convives com ela todos os dias da semana, aqui na Escola?

-Pode citar características dela?

-Sim, posso! Tem cabelos castanhos, olhos claros, hoje está usando camiseta branca e cabelo preso.

-Está me descrevendo professora?

-Claro! (risos)...

- Ah, lembrei quem é Sofia. É o início do ano, né professora?”

Marta afirma que Sofia é feia, diz o que realmente pensa, mas não sustenta a posição, “mascarando” com a menção com a expressão “brincadeira”. Segue a exposição de Sofia quando aborda a professora, na coletividade da turma, dizendo que não lembra quem ela é. Nem brincadeira, nem esquecimento justificam as cenas, o foco está no preconceito por Sofia ser negra. Antecipando-se a questões subjacentes a professora menciona as características da própria Marta, diz de quem faz a pergunta e não de Sofia, na tentativa de produzir algum impacto na perversidade das tessituras de Marta para com Sofia.

Adolescente, negra, a única de uma turma de trinta e oito integrantes, Sofia circula, se coloca e sofre. Vinda de outro Estado, com outros hábitos, longe de seus pais, se apresenta em terra nova para estudar. Mora com a irmã e no tempo que fica em casa cuida dos sobrinhos. Busca interação em um grupo escolar e cidade de maioria branca, de olhos azuis e verdes, de etnia alemã.

As ações afirmativas⁷ de acesso e permanência têm sido amplamente debatidas e instituídas em todos os setores sociais. Porém, como refletimos acima, na Escola o debate pelo reconhecimento da diversidade e, sobretudo, da promoção da pluralidade, ainda não impedem que cenas tiranas, envolvendo questões de raça, origem étnica, pertença socioculturais, gênero ou religião cheguem ao ambiente escolar. Os temas são pertinentes para

⁷ Para Reis (2007, p.50) “(...) constituem-se como medidas concretas que viabilizam o direito à igualdade, com a crença de que a igualdade deve se moldar no respeito à diferença e à diversidade”.

adentrar nas escolas, por comporem a pluralidade humana, então o debate não deve ser a presença da temática, mas o modo como se interpretam (ou se negligenciam) estas questões.

Posturas transformadoras? No papel sim. Na adoção prática nem sempre, superar as iniquidades ainda é assunto protelado para uma boa parcela de sujeitos que compõe ambientes escolares. Neste sentido as ações afirmativas precisam incidir em vivências que criem reflexões, a intervenção sempre que oportuna precisa ser encarada. Anunciar padrões aceitáveis de sociabilidade e percepções em nome da permanência é como esquecer que esta mesma permanência diz de seres humanos que merecem sem distinção um espaço para viver/aprender com qualidade.

A história humana tem se pautado em história de hierarquias, cuja obediência sempre foi à palavra chave. O negro, assim como o gay, os transexuais em suas marcas afastam-se ou denunciam as premissas defendidas pela universalidade - tudo e todos sempre juntos, sempre iguais. Nietzsche (2005) quando convida a compreender a “moral do rebanho”, nos leva a retomar a organização dos humanos vivendo, desde muito tempo, em coletividade, em formação de: clãs, tribos, comunidades, povos, Estados, Igreja, norteados pela obediência, em que um pequeno número de pessoas pode mandar, cabendo a muitos cumprir o que lhes é imposto. Assim, se explica em partes, porque o humano sozinho se sente tão impotente, chegando ao ponto de se indagar quem é. Diferente? Diverso? Igual? Não sabe, aprendeu a não desconfiar dos “mandos”.

A escola em documentos defende a pluralidade, mas durante os dias letivos perpetua a mesma retórica, não “desgarra as ovelhas, convoca os rebanhos.” Neste prisma frases como “*tinha que ser coisa de negro*”, “*volta pra senzala*”, “*aquela do cabelo armado/crespo*”, passam por vezes sem discussão, concebidas de fato como “brincadeirinha”, quando na verdade são manifestações que cifram um tipo de subalternidade e representam marcadores de diferença.

As composições da vida diária são inevitáveis, mudam as relações humanas que podem se estabelecer com o tecer dos dias. O que representa perplexidade na vida de muitos, não causa sequer indignação na vida de alguns. Dá-se lugar de pertença apenas a uma parcela da sociedade e na contrapartida colocam-se as palavras de ordem: paz aos homens na terra! Que paz é esta, quando não se sabe auscultar os processos que andam da inabilidade em lidar com a diferença, mas computam datas “comemorativas” em calendários sem avanço?

Para Bento (2011, p.556);

É um equívoco falar em “diferença ou diversidade no ambiente escolar” como se houvesse o lado da igualdade, onde habitam os/as que agem naturalmente de acordo com os valores hegemônicos e os outros, ou diferentes. Quando, de fato, a

diferença é anterior, é constitutiva dessa suposta igualdade. Portanto, não se trata de “saber conviver”, mas considerar que a humanidade se organiza e se estrutura na e pela diferença. Se tivermos essa premissa evidente, talvez possamos inverter a lógica: não se trata de identificar “o estranho” como “o diferente”, mas de pensar que estranho é ser igual e na intensa e reiterada violência despendida para se produzir o hegemônico transfigurado em uma igualdade natural.

A mudança convoca acionar para pensar. Talvez, não estejamos fazendo este movimento com a profundidade merecida e estejamos permitindo o desamparo, ficando muitas vezes, sem mesmo ter a nossa própria companhia. O que é óbvio para si, não é necessariamente óbvio para o outro e observar os detalhes tal qual faz o garimpeiro quando busca a pepita, é o que permite encontrar o “tesouro” tirando-o da invisibilidade. Com nós humanos é muito semelhante, se continuarmos reiterando o diferente como anomalia ou como estranho, os negros, os gays e as lésbicas continuarão a margem, invisíveis ao olhar de hegemonia de regras que nós, humanos, somos os criadores e responsáveis.

Por outra retórica: a da visibilidade de quem compõe as cenas escolares

Enquanto os homens exercem seus podres poderes, morrer e matar de fome de raiva e de sede são tantas vezes gestos naturais.
Será, será, que será? Que será, que será? Será que essa minha estúpida retórica terá que soar, terá que se ouvir por mais zil anos.
(Fragmento da canção Podres Poderes, de Caetano Veloso)

Será, expressão que indica futuro, um vir a ser. Será que sabemos para onde queremos ir enquanto humanidade? Os tempos medievais, tão distantes, livravam-se de pessoas indesejadas despejando-as no mar; mais tarde, depositando-as em asilos ou em hospitais. Não tinham dúvida da decisão tomada, agiam. Hoje, aonde colocar os sujeitos diferentes?

É notório que ainda não sabemos tudo, nem há como conceber tal possibilidade, mas é essencial que se permita pensar e experimentar alguns novos arranjos. No entanto, a humanidade precisa se dar conta das faltas e dos excessos, para que não precisemos de “mais zil anos” para mudar, como canta Caetano Veloso. *Será* que o assombro frente às subalternidades que vivem negros, homossexuais, travestis e lésbicas terão que esperar articulações, numa ideia de “se der tempo” colocamos em pauta?

Agir em busca de outra retórica, sem tantas esperas é agir por movimentos que projetem pensar a realidade, dando suficiente visibilidade e lugar de direito aos sujeitos diferentes. Intenciona-se assim, discutir dois tópicos que acionem a continuidade da reflexão: o primeiro referente às práticas articulatórias dos movimentos de massa e, o segundo que remete a formação do professor (inicial e continuada).

A mobilização de grupos fica facilitada e acelerada no mundo globalizado dado que são diversos os modos de conexão do aqui agora com o restante dos lugares e pessoas. As ideias se popularizam e muitos movimentos sociais se formam. Alguns sujeitos crédulos do que ouvem em primeira mão, sem perguntar sobre os fatores históricos “consomem” as informações, enquanto outros sujeitos analisam fatos históricos e tradições antes de agir. Aos grupos que aceitam passivamente o que veem e ouvem que chamaremos aqui de seguidores, os “*podres no poder*” servem e/ou permanecem como acena a canção de Caetano Veloso.

Conforme retrata Prado (2005, p.57-58) “(...) a identidade coletiva não é mera adesão grupal, mas sim a forma de negociação da existência de um conjunto de posições (...)”. As práticas articulatórias dos movimentos sociais podem ser emancipatórias ou arcaicas. Neste último caso, os movimentos de massa se mantêm presos a ideias soltas, com a presença mínima da racionalidade crítica. A ação destes ocorre, geralmente, pelo viés da hostilidade em estopins que estilhaçam para qualquer direção, dado a superficialidade no gerenciamento dos fatos.

Este *modus operandi* de práticas articuladoras parece nos fazer voltar no tempo, guiados por ideias primitivas. Surge então, em pleno século XXI, a ausência da civilidade, fomentando cenários que induzem “fazer justiça com as próprias mãos”. Ficam adormecidas as dúvidas, os filtros para os fatos somem e a repetição ganha espaço. Há também, outro tipo de prática articulatória dos movimentos de massa que persistem em reclassificar fenômenos, mas continuam agindo pelas formas tradicionais de participação social. Por fim, as mobilizações de/em grupo necessitam urgentemente de articulações refletidas, democráticas, com defesa a prerrogativa da conscientização, cujo tempo e espaço a que a ação coletiva e social acontece necessitam ser auscultados.

Outro aspecto a refletir diz respeito a presença do medo, com sua força paralisante ou como modo de gerar crises que movam transformações. Neste sentido, recorremos a Monteiro Lobato (1932, p. 37) “Um país se faz de homens e livros” e a Escola têm estas duas grandes riquezas no seu dia a dia letivo. E aí, mais do que ter acesso é preciso saber acionar estes homens e livros em movimentos de transformação para então chegarmos ao último e, não menos relevante ponto de reflexão, que é a formação inicial e continuada dos professores.

Em pleno tempo de facilitação do acesso as universidades, de políticas públicas que compreendem e agem pautadas na igualdade de direitos, há uma procura pequena pela carreira docente. Pontua-se inicialmente a fragilidade dos currículos formadores dos profissionais professores composto por conteúdos milenares que dialogam pouco com o tempo presente. As questões sociais, políticas e culturais ausentes ou em superficialidade,

promovem um percurso de formação que dialoga com teorias em isolamento, ou seja, com mínima comunicação com o tempo e o espaço presente o qual, requer profissionais críticos, questionadores do mundo que ajudam a compor.

Este mesmo estudante dos cursos de licenciatura, que logo será professor/professora em escolas da rede pública ou particular, desprovido de vivências e debates anteriores tenderá repetir com seu grupo de aluno e aluna a mesma perspectiva, a da superficialidade. *Questões de gênero não são comigo! Bullying? Eu não vi nada! Marcas sociais traduzidas em rejeição: não é foco da minha área!* Escola, lugar que recebe os diferentes, mas talvez ainda carregue implícito ou explícito, o discurso e a busca dos “sempre iguais”.

De quem é então este cenário da escola? Nem mesmo as formações continuadas preocupam-se com a realidade social, o oco deixado acentua ausências: de contexto, de discussão, de movimentos. Ausência da vida cotidiana adentrando na escola e o professor/a professor/a conectado no limite de si mesmo, não conseguindo perceber que há mais do que conteúdos pré-estabelecidos para serem ensinados.

Eis o oco da existência, da profissionalização. O oco do que não podemos compreender, do que não queremos sentir, no oco não há segurança, há medo e então não topamos nem tentar preencher, permanece vazio. Felipe Soares (2013, s. p.), quando escreve o “*Oco do mundo; e o nosso*”, provoca o seguinte:

(...) encontramos-nos atirados ao mundo, como dizia Heidegger. Num mundo sem sentido nele mesmo. Num mundo cujo sentido é elaborado nos limites da linguagem, da cultura e da experiência - relativas, limitadas, moventes. E nesses limites, esbarramos nos dois ocos: no do mundo, revelado na incompreensibilidade da existência, e no nosso oco subjetivo, revelado na auto percepção de sermos consciências comunicando sentido à experiência, desejando sair de si e realizar-se em e com pessoas, objetos e atividades no mundo.

Talvez e, porque não, pudéssemos encontrar nos ocos de nossa existência alguma maneira de aprender a perguntar mais e não só responder. Como professores desenvolver mais a capacidade de sermos indagadores de si e dos conhecimentos, compondo outras histórias de formação (inicial e continuada). Como profissionais docentes, permitir encontrar onde podem estar às afinidades, os olhares e os contextos daqueles com quem interage a escola: seus alunos e suas alunas, sujeitos de um tempo, em busca de conhecimento e, também, de humanização e civilidade.

A indignação docente precisa ser maior do que o medo, a ética precisa vigorar em diversos ambientes e convivências sociais. As atitudes incoerentes diante dos fatos precisam ser questionadas e denunciadas, sobretudo refletidas nas Escolas. As três narrativas analisadas

no percurso da pesquisa afirmam o quanto o silêncio ou a repetição projetam reforço às barbáries, forçando grupos de negros, homossexuais e travestis a exclusão. Quantas Lisandras? Serão muitas Manuelas? Inúmeras Sofias terão que, forçadamente ficar à margem, sem vez e voz na educação dita para todos e todas?

Na provisoriedade, conclui-se que...

O momento de encerrar provisoriamente o percurso reflexivo move esta seção. Estarão aqui elencadas algumas posições que o percurso permitiu compreender e algumas indagações para um continuar a conversa no porvir dos tempos.

No garimpo muita labuta para encontrar o ouro, nos contos de fada um só beijo retira a *Bela Adormecida* do sono profundo, no circo uma aparição do palhaço expressivo e os risos já saem soltos, na televisão uma imagem bem postada convoca os expectadores a ficarem horas em envolvimento. Poder-se-ia afirmar então, que toda ação provoca uma reação, toda intenção tem um porque (implícito ou explícito) que mobiliza os sujeitos. Nas escolas, quais são as mobilizações predominantes ou vigentes?

Para responder ao questionamento, penso de imediato em conhecimento, reflexão e pesquisa. Também penso em convivência, socialização, coletividade e insiro convite para incluir foco no afeto e na atitude. No dicionário de Língua Portuguesa (2008), atitude é sinônimo de postura, reação ou maneira de ser em relação a pessoas ou objetos. Então, atitude encontra-se próximo a mudança de conduta o que pode ser relevante para celebrar as diferenças.

As diferenças não precisam ser apagadas como muitos humanos defendem. As diferenças são integrantes da vida, são marcas que nos singularizam e nos emancipam enquanto seres humanos em cruzamento com outras tantas vidas que, em troca aprendem, fazem e se fazem. Neste sentido, não é importante citar o diferente, mas compreendê-lo. No percurso das narrativas ficaram evidentes como os marcadores sociais denunciam com contundência e frequência às diferenças. Para o Gay já foi sugerido a “cura gay”, para os transexuais terem acesso ao banheiro público já se pensou criar uma terceira denominação e modo de uso, para o preconceito enquanto juízo arbitrário e negativo há debates sobre os direitos humanos, intencionando diminuir e até banir a discriminação. A escola lugar do pensar, da reflexão fez e faz o que em relação às diferenças? Muitas e muitas vezes apenas silencia mediante a diferença, reforçando a invisibilidade dos sujeitos que, mesmo na coletividade da sala de aula, ficam sós ou cercados pelo *bullying*.

Escola como lugar de acolhida a diversidade? Se assim for, precisa fazer jus ao mote que elege. Na escola podem se engendrar sempre novas cenas, pois é lugar vivo, de experiência, que em busca do conhecimento move-se. Escola precisa ser o lugar da alteridade, do estranhamento, da transformação, da interpretação das políticas públicas e da consideração pelo outro.

As compreensões deste percurso levam ainda a projetar que a sociedade e, conseqüentemente, a escola estão em transformação e estas mudanças carregam resultados diversos, nem sempre em consonância uma com a outra. A escola, à medida que não dialoga com os diferentes setores sociais, sendo composta por docentes que, por vezes também, não dialogam, acaba por correr o risco de se tornar mais uma agente de exclusão. Desta forma, longe de querer encerrar este estudo, fica a provisoriedade presente, a “*cutucar o mais*”, ou seja, a acionar relações em que os sujeitos se olhem mais, questionem mais e se permitam mais.

Organizar um ambiente escolar e de aprendizagens em prol de experimentar a convivência humana em autonomia e, portanto em participação, tendo na escola o lócus da liberdade de ser e estar no mundo, em convivência com as diferenças, ainda é tarefa árdua, mas necessária. Adotar, principalmente nas escolas, a postura de externar menos prescrições de como se deve ser, ampliando o reconhecimento do que se é, ou seja, conceber que os sujeitos que compõe o espaço educativo, não “carregam” apenas a expectativa do outro (professor, professora, colega, diretor, coordenador, regras) pode ser um, entre tantos movimentos, para impetrar mudanças. O ser humano almeja e merece compor a vida alcançando a autorrealização, para tanto, importa dialogar com o outro e não submeter o outro aquilo que eu acredito, importa (re) lembrar que entre eu e o outro tem o mundo que nos convoca a ser propositivo, mas respeitoso com todos e tudo que nele circula.

Referências

BENJAMIN W.O narrador. In: Benjamin W, Horkheimer M, Adorno T, Habermas J. **Os pensadores**. São Paulo: Editor Victor Civita; 1975. P.63-82 (Textos escolhidos)

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. P.549- 559. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/ 2011.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa. Difel. 1989.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, 2006.

DUTRA E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**; 2002;7(2), p.371-378.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da Língua Portuguesa. 6ª edição (revista e atualizada), Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

GALVÃO C. Narrativas em Educação. **Ciência e Educação**; 2005. v.11, n 2, p. 327-345.

LOBATO, Monteiro. **América**. 1ª Ed. São Paulo: Nacional, 1932.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n 23, p. 156-168, maio/ago.2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Movimentos de massa e movimentos sociais: aspectos psicopolíticos das ações coletivas. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis: EDUFSC, n. 37, p. 47-65, abril de 2005.

REIS, Dyane Brito. Acesso e Permanência de Negros(as) no Ensino Superior: o caso da UFBA. p. 49-70. LOPES, Maria Auxiliadora, BRAGA, Maria Lúcia de Santana. **Acesso e permanência da população negra no ensino superior**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Unesco, 2007.

ROUSSEAU, Jean –Jaques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SOARES, Felipe. **O oco do mundo; e o nosso**. Coluna Filosofia, 07 de maio, 2013. s.p. Disponível em <<http://setelagoas.com.br/sete-lagoas/colunistas/felipe/20493-coluna-filosofia-o-oco-do-mundo-e-o-nosso>> Acesso em 20 de março de 2016.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. p.65-88. GARCIA, Regina Leite (Org.) **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 131 p.

VELOSO, Caetano. **Podres poderes**. Vagalume. FM. s.p. Disponível em <<http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/podres-poderes.html>> Acesso em 24 de março de 2016.

VIANNA, Angel, CASTILHO, Jacyan. Percebendo o corpo. p. 17-34. GARCIA (Org.) **O corpo que fala dentro e fora da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 131 p.